



EDUCAÇÃO E MUDANÇA: REVISITANDO E RESENHANDO A OBRA DE PAULO FREIRE

Valda Costa Nunes¹
valdaphilonunes@terra.com.br

Teobaldo Witter²

Resumo

Não há como negar o valor das obras de Paulo Freire para os educadores, educadoras e para a Educação como via de mudança de dentro para fora. Buscando esclarecer para nós mesmos, o que pressupõe o autor nesta obra e ao mesmo tempo ampliar nossos entendimentos do que seja educação, mudança, compromisso profissional, diálogo, foi o que nos propusemos ao revisitar a obra de Freire, 'Educação e Mudança', que desde a sua primeira edição, logo após o seu retorno do exílio, vem demonstrando significativa contribuição a educadores e educadoras nos espaços educacionais e em outros.

Palavras-chave: Paulo Freire; Educação e Mudança; Compromisso profissional.

Abstract

There is no denying the value of Paulo Freire's works for educators, educators and education as a way of moving from the inside out. Seeking to clarify for ourselves, what the author presupposes in this work and at the same time to broaden our understanding of what education, change, professional commitment, dialogue, is what we set out to revisit Freire's work, Education and Change, which since its first edition, shortly after its return from exile, has been demonstrating a significant contribution to educators in educational spaces and in others.

Keywords: Paulo Freire; Education and Change; Professional Commitment.

Resumen

No hay como negar el valor de las obras de Paulo Freire para los educadores, educadoras y para la Educación como vía de cambio de dentro hacia fuera. En este sentido, el Papa Benedicto XVI ha recordado que el Papa Benedicto XVI ha recordado que el Papa Benedicto XVI ha recordado que el Papa Benedicto XVI, que desde su primera edición, poco después de su retorno del exilio, viene demostrando significativa contribución a educadores y educadoras en los espacios educativos y en otros.

Palabras-clave: Paulo Freire; Educación y Cambio; Compromiso profesional.

¹Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT)

²Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT). E-mail: maninha.pancinha@hotmail.com



Introdução

Nosso interesse pelo autor e pelas suas obras, especialmente por esta, remonta longas datas, porém, foi no curso de uma disciplina do doutorado, que nossos olhares se voltaram para ela com mais afinco, uma vez que estávamos à busca de uma concepção mais progressista de educação que reconhecesse educadores, educadoras, educandos e educandas como passíveis de ensinar e aprender respectivamente, nos processos educacionais, como forma de humanização de sujeitos e sujeitas inacabados/inacabadas. Assim, com o objetivo de identificar os processos relevantes para tal educação é que recorreremos à metodologia de resenha (crítica-descritiva) para apresentar Educação e Mudança nos seus quatro tópicos. Supomos que assim como pudemos captar aspectos relevantes para interagir significativamente com nossos conhecimentos sobre o tema, outras pessoas também poderão fazê-lo e se favorecerem de algum modo pela leitura deste texto-resenha e, quiçá, despertar o interesse pela leitura completa desta obra.

No prefácio desta obra, Educação e Mudança, de autoria do educador, pedagogo e filósofo brasileiro, Paulo Régis Neves Freire, nascido em 1921, em Recife-PE/Brasil (FREIRE, 1983, p. 4) conta que o lançamento dela se dá no momento em que o educador brasileiro retorna de quinze anos de exílio ressaltando que ao colocar os pés em solo brasileiro, Freire respondeu à indagação ‘se havia acompanhado a evolução política e educacional do país’, que fez o impossível para isto. Durante o seu tempo de exílio, seja trabalhando no Chile, EUA, Suíça ou África, fez realmente o impossível para acompanhar a evolução política e educacional do seu país, e, esta obra Educação e Mudança, é apenas um dos frutos dos seus esforços que a seguir apresentaremos nos seus quatro tópicos.

O compromisso do profissional com a sociedade

Já no primeiro dos quatro tópicos desta obra, distribuídos nas suas setenta e nove páginas, Paulo Freire realiza um chamamento ao profissional, à assunção do seu compromisso com a sociedade bem como consigo mesmo, como algo fundamental para a sua atuação através de decisão lúcida que para ele, significa estar consciente da sua própria vocação ontológica de ser sujeito inacabado em processo de construção. O homem está no mundo, **RCC, Juara/MT/Brasil, v. 4, n. 1, p. 148-154, jan./mar. 2019, ISSN: 2525-670X** 149



podendo agir reflexivamente com o compromisso de transformá-lo, tornando-se assim, num ser histórico com capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade pela capacidade de refletir tornando-se um ser de práxis. O conceito de *práxis* não só nesta obra, mas em toda a sua epistemologia educacional, é reveladora de um caráter humanista-progressista. Freire aponta o compromisso como conduta que pode potencializar o alcance dos oprimidos, e de si mesmos como profissionais, definindo-o como “Encontro dinâmico de homens solidários que se libertam em conjunto, no engajamento com a realidade, de cujas ‘águas’ os homens verdadeiramente comprometidos ficam ‘molhados’, ensopados” (1983, p. 19) O profissional compromissado se capacita na ação-reflexão, reflexão-ação, pelo diálogo, na sistematização de suas experiências, interagindo com o patrimônio cultural, aumentando a sua responsabilidade com os homens e consigo mesmo.

A Educação e o processo de mudança social

No segundo tópico, Freire (1983) se dedica a tratar da educação e do processo de mudança social, afirmando não ser possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem que deve ser feita a partir de um estudo filosófico-antropológico. A raiz da educação está no princípio do inacabamento, na inconclusão, na busca constante do ser mais, no ser sujeito de sua própria educação, pela autorreflexão. Ao reconhecer o inacabamento do homem, requer-se simultaneamente o reconhecimento amoroso de sua condição existencial humana. Educar é um ato de amor com seres inconclusos, na busca esperançosa por vida e dignidade.

O autor aborda a temática dos seres em processo de educação mútua, conjunta e em comunhão, pois, estamos, todos, nos educando. É preciso reconhecer com humildade que ambos os saberes, do educador e do educando, são complementares e, às vezes, relativos. Freire ressalta que a consciência reflexiva deve ser estimulada para que o educando possa refletir sobre a sua própria condição de vida, sobre a sua própria realidade e, ao fazê-lo, levantar hipótese e procurar soluções, transformando-a com o seu trabalho e criando um mundo próprio, sua cultura. Nos itens 8, 9 e 10, tópico 2, Freire (1983, p. 33-35), distingue três tipos de sociedades: a primeira, que se encontra em transição, necessita ter um ponto de partida, um processo e um ponto desta chegada pois todo amanhã se cria num ontem, através



de um hoje de modo que o nosso futuro se baseia no passado e se corporifica no presente; a segunda, é a fechada, que prescreve ordens aos cidadãos “não-reflexivos” e na qual o povo não é visto como sujeito, mas como objeto e, a terceira é a alienada, onde não se conhece a si mesma, tratando de conhecer a sua realidade por diagnóstico estrangeiro. Finalizando este capítulo, o autor trata das consciências bancárias da educação que é vertical como na maioria das sociedades latino-americanas, uma vez que desconsidera a autonomia do educando, formando indivíduos medíocres por não haver estímulo para a criação, gerando assim, consciências ingênuas que poderão passar a consciências críticas se houver um processo educativo de conscientização que se nutra do diálogo indagador, investigativo, isto é, uma educação problematizadora da realidade.

O papel do trabalhador social no processo de mudança

Neste tópico, “O Papel do Trabalhador Social no Processo de Mudança”, o autor faz uma reflexão sobre esta própria frase. O trabalhador social no processo de mudança ad-mira, olha por dentro. Aí, percebe que a frase contém um tema desafiador. Esta compreensão possibilita a percepção do papel do trabalhador social nas várias dimensões da estrutura social onde ele atua e contribui para os processos de mudança que, para ele, é o jogo dialético da mudança-estabilidade da estrutura social que se renova pela mudança de suas formas, pela mudança das instituições econômicas, políticas, sociais, culturais, ambientais. Por outro lado, a estabilidade representa o “status quo”, a normalização da estrutura que desumaniza e para a sua ruptura, é necessária a visão crítica.

Nesse contexto de mudança e estabilidade que são resultados da ação crítica do homem sobre o mundo, insere-se o trabalhador social como sujeito de transformações que, ao optar pela mudança tem o papel de atuar e refletir em conjunto com o coletivo de indivíduos com quem trabalha sobre os reais problemas da sociedade na qual as pessoas estão inseridas.

Para Freire, o trabalhador social no processo de mudança, não deve temer a realidade de opressão, não deve manipular as outras pessoas, não deve considerar a mudança uma ameaça e deve ser transparente na comunicação, não podendo, portanto, impor sua opção aos demais, mas ajudar a buscar a mudança através de processos dialógicos, coletivos, no sentido da verdadeira humanização do homem. Ele não pode ser uma pessoa neutra frente à



desumanização ou humanização, frente à permanência do que já não representa os caminhos do humano ou à mudança destes caminhos. Por outro lado, há aquele trabalhador social que opta pela antimudança tendo a sua percepção condicionada pela estrutura social em que estão inseridos, nega as transformações sociais, não se interessando pela revisão da concepção condicionada pelo mundo em que vive e não desejando a análise crítica da realidade por parte dos indivíduos. Ao abordar a mudança da percepção distorcida pela conscientização diz que o papel do trabalhador social é tentar a conscientização dos indivíduos com quem trabalha, conscientizando-se mutuamente com eles.

Alfabetização de adultos e conscientização

Em “Alfabetização de Adultos e Conscientização”, quarto tópico desta obra, Freire faz reflexões sobre a instrumentação da educação que considera a vocação ontológica do homem de ser sujeito inacabado, em construção, refletindo sobre as dimensões espaço-temporais, introduzindo nela a análise crítica e definindo o homem como um ser de relações. Como tal, vai se posicionando diante das tarefas, desafios, valores, sonhos, desejos e frustrações de cada época da história, participando criticamente dos desafios de sua época no processo de mudança para a humanização. No mundo, o homem estabelece a relação sujeito-objeto da qual nasce o conhecimento que se expressa pela linguagem. Esta relação se dá pela via sensível ou reflexiva. No caso da captação do real pela via sensitiva, que seria o caso do analfabeto, surge a compreensão mágica.

O desafio é, segundo o autor, organizar o pensamento reflexivo, através da alfabetização com um método ativo, dialógico, crítico, criticista, confiante, criador, com educação problematizada a fim de construir novas relações entre sujeitos. Aborda o diálogo como uma relação horizontal entre A e B, um caminho indispensável no processo de educação; a temática da modificação do conteúdo programático e o uso de técnicas, como a redução e a decodificação na educação discorrendo sobre o processo de identificação do mundo da natureza e o da cultura e o papel do homem em ambos. Para Freire, é no debate e com o debate sobre democratização da cultura que a alfabetização inicia levando o analfabeto a apreender criticamente a sua necessidade de aprender a ler e escrever.



Neste sentido, a educação se faz de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, ajudado pelo educador através do uso das palavras geradoras que são vocábulos de uso corriqueiro do povo, de sua experiência existencial, carregadas de emoção e fundamentais para o processo de educação e mudança. Para selecionar estas palavras, utiliza-se dos critérios da riqueza, da dificuldade fonética e do aspecto programático delas. Tais palavras geradoras são debatidas, numa situação vivencial do grupo que discute a situação em seus aspectos e se faz a vinculação semântica entre a palavra e o objeto que ela designa, abrindo perspectivas para a alfabetização e análise de problemas locais, regionais e nacionais. Os resultados práticos, segundo o autor, são importantes, pois, em 45 dias de aula, sendo 1h30min diárias, com os círculos de cultura, camponeses e operários da construção civil aprenderam ler e escrever.

O tema e os subtemas do livro são abordagens significativas e atuais no processo de educação. Temas e assuntos estes, que cuidam das dimensões da alfabetização e da formação do trabalhador social, porém, Freire faz uma distinção no ponto em que se refere à captação do dado objetivo, do real, ao dizer que os alfabetizados, como nós, captam o real pela via reflexiva, e os analfabetos pela via sensitiva (1983, p. 67). A saída seria alfabetizar para que todos sejam reflexivos? A resposta vem na própria obra, que no seu percurso apresenta como possibilidade de transformação, uma alfabetização que seja realizada através de processos dialógicos, críticos que podem levar ao pensar e à superação de vias predominantemente reflexas para vias reflexivas do pensamento. Estamos sensíveis à importância da alfabetização, no entanto, reconhecemos que há trabalhadores “alfabetizados” que não possuem pensamento reflexivo, apontando que se precisa de uma alfabetização que possibilite como reconhece Freire, uma “[...] relação sujeito-objeto da qual nasce o conhecimento, que ele (o homem) expressa por uma linguagem [...] é feita também pelo analfabeto, o homem comum” (FREIRE, 1983, p. 67). Compreendemos que o fato de alguns trabalhadores não possuírem pensamento reflexivo, coloca em dúvida, métodos de alfabetização aos quais se submeteram ao serem alfabetizados. Nas entrelinhas desta obra, o autor nos oportuniza confrontar direta ou indiretamente, contextos sociais-educacionais nacionais, distantes do que ele chama de “[...] método ativo, dialogal e participante [...]” (FREIRE, 1983, p. 68) que por ser amoroso, humilde, crítico, esperançoso, confiante, criador, possui potencial para o fortalecimento do pensamento reflexivo, elementos indispensáveis para uma educação amorosa que reconhece o inacabamento dos seres educandos, pois, “Não há educação sem amor. [...] Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar” (FREIRE, 1983, p. 29)



Quanto à linguagem sexista/machista da obra, em que o autor usa sempre a palavra “homem”, priorizando a linguagem ideológica machista que invisibiliza a mulher, no livro *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*, Freire, em tempo, reconhece o seu próprio equívoco e se autocorrige ao desenvolver a questão ideológica do uso da linguagem machista, incluindo seu erro no passado fazendo um depoimento de mudança de conceito e de prática na sua postura da linguagem sexista excludente, para uma inclusiva (FREIRE, 1992, p. 34-36).

Considerações

Consideramos que esta obra de Paulo Freire representa, dentre outros, um chamamento aos profissionais, aos homens e às mulheres oprimidos e oprimidas, sejam educadores e educadoras ou não, a um diálogo participante autêntico e aberto entre si, sobre as suas condições humanas e sociais, capaz de fortalecer o pensamento reflexivo e à assunção do seu compromisso com a sociedade, bem como consigo mesmos, como algo fundamental para a sua atuação através de decisão lúcida que, para o autor, significa estar consciente da sua própria vocação ontológica de ser sujeito histórico inacabado em processo de construção.

Em relação à linguagem sexista-machista, excludente, que a obra apresenta e que nós mesmos reproduzimos aqui, que a obra apresenta, consideramos que uma vez que Paulo Freire realizou suas considerações num depoimento sobre seu erro no passado, deveríamos incluir tal linguagem inclusiva que propõe na obra *Pedagogia da Esperança* mesmo que ela não esteja deflagrada em *Educação e Mudança* e em outras obras suas ao invés de repetirmos tal discurso condenatório *ad infinitum*.

Referências

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 6. ed. Trad.de Moacir Gadotti & Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.